

## **A experiência criadora em Freud e a pesquisa em psicanálise**

**Eliana Rigotto Lazzarini**

### **Introdução**

Partindo do reconhecimento de que o objetivo e a intenção de Freud fora o de manter a psicanálise, por ele inventada, na condição de movimento teórico contínuo, fica aberta a questão de como entender tal preceito nos dias de hoje e qual o lugar do psicanalista contemporâneo nesta tarefa.

Desde Freud, tornar-se psicanalista é descobrir a psicanálise, tomar seu curso, refazer seu percurso e identificar-se com ela. Seguindo a lição do mestre, tornar-se psicanalista é aceitar sua origem, mas tratar de deixar vivo e aberto o campo de seu saber. Não se trata de repetir Freud, mas de buscar respostas psicanalíticas para o homem na conjuntura da civilização atual. É um trabalho que se faz onde surge o inconsciente, ou seja, em qualquer lugar onde se manifeste a angústia, motor para a busca do saber. A ciência psicanalítica para permanecer viva e aberta, deve ter a garantia de se ver livre das paralisias, das idolatrias e dos obsoletismos. Se o seu fio condutor tem início na situação clínica, seu seguimento se faz na pesquisa e transmissão de seu saber.

Muitas indagações se fazem presentes quando nos defrontamos com a magnitude do trabalho de Freud e diante das produções subsequentes que constituem o arsenal da psicanálise desde Freud até nossos dias.

Freud, o grande criador, gênio absoluto, escritor contumaz, possuidor de uma mente brilhante e investigativa nos deixa uma lição: a psicanálise não pode ser concebida como obra pronta e acabada. Muitas interpretações desta premissa podem ser feitas, mas talvez a mais plausível delas seja a de que sua continuidade como teoria e prática dependa das investigações e trabalhos que os psicanalistas, em todos os tempos, fizeram e fazem em suas incursões contínuas, seja no trabalho diário em consultório, no ensino de sua matéria nas instituições, no divã em que se deita o analista, no caderno em que este deixa escrita sua experiência, ou em termos mais gerais e conclusivos, onde se manifesta o inconsciente e em qualquer lugar habitado pela angústia.

Anzieu (2006) afirma que ser psicanalista não é reproduzir a obra freudiana, mas sim dar continuidade a um desejo secreto (...), o desejo de ser amado por Freud” (p. 262). Anzieu se refere aqui à sua experiência e ao seu próprio trabalho de pesquisa que se refere à obra que elaborou sobre a autoanálise de Freud e na qual se deu conta do trabalho primordial e originário que fez de Freud o primeiro analista.

Anzieu nos conta os passos do mestre e sua trajetória na invenção da psicanálise. Freud se descobre psicanalista ao analisar seus próprios sonhos e os sonhos de seus pacientes, familiares e amigos mais próximos. Impõe uma rotina a si que se caracteriza pela escritura de suas experiências que são trabalhadas mediante sua elaboração em subsequentes ajustes e reescrituras contínuas. Vai traçando com isto uma grande obra que se torna o substrato para alocar a descoberta do inconsciente que a princípio não lhe

parece o “continente negro”, antes tem outras cores, onde se alojam mistérios e enigmas, caminho para a concepção da psicanálise.

Freud deixa impresso nos escritos e em si próprio uma nova linguagem, cuja referência está na criação dos conceitos. Nesta empreitada vai propondo diálogos com interlocutores, alguns possíveis outros impossíveis, os quais por motivos diversos responderam à sua maneira com aceitação provida de questionamento ou com a simples oposição diante da originalidade de um pensamento genuíno e pretensamente fora de seu tempo.

Freud pode ter pretendido conhecer o inconsciente e criar a psicanálise. O que podemos dizer por certo é que de fato foi um pesquisador. Tomou emprestadas ideias de outros, promoveu muitas interlocuções com parceiros, bebeu de diversas fontes: tomou a literatura como caminho e exemplo, fez dos mitos um suporte, rodeou os filósofos, deu voz aos antropólogos e viajou para terras distantes em busca de seus sonhos. Procurou não deixar nada para trás. Foi também dependente das teorias científicas e filosóficas de seu tempo. Criou instituições, brigou pelo poder, se empenhou para tornar a psicanálise duradoura e transmissível. Fincou estaca, para ao final descobrir que a psicanálise corria o risco de morrer se não se livrasse da fusão e do engessamento, se não preservasse dentro dela a liberdade criadora e inovadora.

O contato com os fatos da vida de Freud, sua trajetória, invenções, percalços mostram a nós, psicanalistas, como podemos fazer par com ele. Fazer par com a sobrevivência de seu pensamento e principalmente com a sobrevivência de um *modus operandi* que coloca a criatividade e a abertura em seu cerne. Botella e Botella (2003) nos recordam que apesar de Freud estar engajado em um ideal científico correspondente à sua época, o de uma ciência positivista, ele ainda pode inaugurar uma nova abordagem do conhecimento, mesmo sem estar consciente disto, tornando-se o precursor de uma nova *Weltanschauung* científica.

Seguindo os passos do mestre, a questão sobre o que criar em psicanálise é norteadora de uma busca que é própria do psicanalista, mas muito também do pesquisador. Criar é fazer viver algo novo que conquiste espaço e venha dar sentido e nascimento a enunciados. Os psicanalistas hoje podem tomar para si um pouco da semente fecunda do pai, mas sobretudo devem buscar ampliar sua obra, buscar o novo, a inovação, espaço de conquista.

## **A psicanálise como prática e instrumento de pesquisa**

A questão sobre o sentido de falar em pesquisa em psicanálise é importante questão por dizer respeito principalmente ao método, à prática, à busca do conhecimento e à compreensão do social. Freud, nos primórdios da psicanálise parte do princípio de que há uma realidade do aparelho psíquico que pode ser acessada pela investigação científica. Esteve preocupado em fazer ingressar a psicanálise no domínio das ciências temendo que, se fosse considerada fora deste, viesse a ser associada à pura especulação ou a uma disciplina esotérica. Uma lógica condizente com seu tempo que faz pouco sentido nos dias de hoje.

Mas ainda na atualidade, o universo psicanalítico tem se posicionado em torno de uma discussão que busca a definição clara e concisa do que pode ser chamado de “pesquisa em psicanálise”. Duas correntes se defrontam: por um lado os defensores de uma pesquisa que se apoie no modelo das ciências naturais, as “ciências duras”, cujas condições de repetibilidade, verificação, previsibilidade e quantificação são postas em ação e, por outro lado, há aqueles que defendem uma psicanálise tida como disciplina específica, com critérios próprios, sem modelos pré-estabelecidos de pesquisa científica.

“O estabelecimento do diálogo entre ambas as correntes parece desolador”, afirmam Botella e Botella (2003).

A favor do segundo modelo, surgem argumentos que buscam definir a trajetória da psicanálise. A psicanálise surgiu como ciência positivista, mas foi ampliando e modificando seu contexto e se tornando cada vez mais adequada às condições das ciências humanas, cujo objeto é relativo aos fenômenos humanos que não possuem causalidades lineares e não podem ser explicadas ou entendidas pelo método positivista das ciências ditas duras. Neste ponto é enfático afirmar que, no entanto, não são sem rigor, e isto é um argumento importante. Comportam-se como construções criativas no espaço de um entrelaçamento entre clínica e pesquisa, entre prática e teoria. Uma pesquisa que se constrói com as formas comuns à experiência clínica.

A prática em psicanálise diz respeito ao próprio método psicanalítico cujo objeto é o caso clínico tomado em sua dimensão intrapsíquica que se estabelece em cada tratamento (Widlocker, 2003). Quanto a isto, Freud (1923 [1922]) foi claro quando definiu psicanálise como um “1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo; 2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e 3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica” (p. 287). Quando Freud define a psicanálise desta forma, ele nos faz saber que ela é indissociável de um método que a funda e que constitui o seu meio e horizonte. Para ele, a teoria analítica é indissociável da prática e a sessão é lugar de pesquisa.

Tomando a situação clínica, observamos que há um vínculo indissociável entre os participantes, semelhante ao que se estabelece na “pesquisa ação” com a diferença de que o envolvimento do observador é marcado pela sua subjetividade. O psicanalista/observador participa dizendo de si e não apenas escutando e intervindo junto ao paciente. Um trabalho psicanalítico que na prática, se faz ali onde surge o inconsciente que por sua vez não responde ao tempo ou à hora. Na experiência da sessão analítica participam ambos os inconscientes, o do analista e o do analisando, organizando “uma unidade entre o instrumento de observação (o psiquismo do analista), o objeto de estudo (o psiquismo do paciente), e a relação recíproca entre os dois, funcionando ambos em estado de regressão; este é o conjunto que forma o verdadeiro objeto de estudo da psicanálise” (Botella e Botella, 2003, p. 425).

Neste contexto faz parte um rigor analítico que não é mortífero, pois que permite ao analisando (e também ao analista) obter uma segurança interior enquanto regridem. Mas igualmente deve proporcionar disponibilidade, abertura, presença, apoio e receptividade (Anzieu, 2006). Quando a psicanálise assim funciona, ela permanece viva e fecunda.

Widlocker adverte que há na prática individual psicanalítica uma tríplice situação – individualidade do caso, complexidade e intersubjetividade – que impõe regras metodológicas diferentes daquelas da pesquisa científica clássica. Todo conceito metapsicológico é em si um modelo e Freud elaborou vários modelos sucessivos. “Enquanto o pesquisador científico isola dados suscetíveis de explicar as relações causais, o psicanalista se interessa por aqueles dados que podem guiar seu pensamento e ajudá-lo a capacitar o pensar do analisando” nos diz Widlocker (p. 54). Tal teoria que se forma não tem função explicativa, mas descritiva.

A psicanálise resulta assim de uma generalização dos saberes e dos conceitos que surgem a partir das práticas individuais. É uma “ciência à *posteriori*”, uma pesquisa conceitual concebida sobre o modelo de dados empíricos observados no campo prático.

Na sua forma de se constituir como ciência, a “ciência psicanalítica” constrói uma lógica que visa delimitar os domínios da prática. Tal lógica guia a exploração clínica fazendo com que novos acertos e rumos tomem espaço, completem ou substituam os antigos. Se por um lado o peso da transmissão teórica toma passo e dirige para o consenso, o debate científico abre espaço para a controvérsia, para a contradição. Tal dialética não é objeto fácil de gestão, e a história do movimento psicanalítico é testemunha disto, mas a situação atual tende a refletir e a pensar diferentemente a questão, ou seja, necessário é indagar sobre a pluralidade e o avanço para explorar as riquezas do método pela diversidade das visões. A instituição psicanálise, em sua visão científica de pesquisa e aprofundamento clínico, pode e deve organizar o debate.

### **Psicanálise e Universidade**

Ensino, pesquisa e extensão são os preceitos básicos da universidade: produzir conhecimento, pesquisar, promover a extensão de técnicas e modelos para a comunidade são suas dimensões. Teoricamente, a universidade é o templo do saber, local onde se produz, acumula e aprimora o conhecimento.

No caso particular da psicanálise o ensino teórico de sua matéria, dentro das fronteiras da universidade, ocorre de maneira relativamente linear. A literatura é grande, de fácil acesso, geralmente de boa qualidade. A ressalva a ser feita, fica por conta das diferenças fundamentais entre a psicanálise e seu arcabouço e a universidade com suas normas e regras. Na universidade ensina-se em nome de um saber fundamentado enquanto que na psicanálise o sujeito é disposto a se livrar de saberes apriorísticos e levado, tal como Freud o fez, a se dispor à regra fundamental, a abstinência, ao nada saber do universal, e neste caso, consequentemente, o sujeito é convocado a um saber único que emana de si. Se a universidade é o *locus* privilegiado na construção do conhecimento e pauta pelo saber, por seu lado a psicanálise ao contrário sempre questionou o conhecimento e nada quer saber. E ainda, se a universidade busca apreender o real pelo conceito, pela palavra e com isto negar sua existência como coisa, a psicanálise bordejando o real, reconhece sua existência e a impossibilidade de conformá-lo. Em suma, a universidade busca estabelecer o universal, a psicanálise busca o singular do homem.

No que se refere à pesquisa e sua aplicabilidade em extensão, um complicador também se estabelece, sendo fonte de limitação para sua *práxis*. Muito embora a universidade ofereça estágios nos cursos de graduação e pós-graduação em que a psicanálise se aplica, alguns fatores não se adequam devidamente: a transmissão e a apreensão da técnica, por sua própria natureza, é lenta e longa; os espaços para a prática clínica e a supervisão são difíceis de serem ajustados e a permanência do aluno aprendiz é limitada. Além disto, como a psicanálise propõe o manejo adequado da transferência e da contratransferência nestas situações, demandaria do estudante e do professor um aprofundamento muito maior dos processos psíquicos vividos por ambos. Alia-se a isto o sigilo, a transcrição do material, seu armazenamento, e mais. Além disto, o elemento básico da análise pessoal do estudante não pode ser exigido, apesar de sabermos sua necessidade ser primordial.

Mas apesar de todas estas diferenças e limitações, talvez seja por aí, como coloca França Neto (2018) que possamos entender a importância da aproximação da universidade e da psicanálise. Em suas palavras: “A clínica traz para a academia, mundo do conceito, o excesso humano, campo do real, da contingência, do irreduzível ao universal do conceito. A clínica é o real dentro da academia, da universidade” (p. 105). Pensamos neste aspecto que a psicanálise traz um frescor para a academia, libertando-a de sua rigidez. As clínicas-escola, em contraponto com a formalidade conceitual, trazem a vivacidade, o novo para dentro da universidade. Por outro lado, a psicanálise também

se beneficia com algo da formalização. Rascunhar o caso clínico pelo ato de escrever foi o que fez Freud promovendo com isto a invenção da psicanálise. Este ato fez com que ele pudesse submeter à comunidade psicanalítica suas descobertas e hipóteses. Narrar fragmentos clínicos é uma ferramenta de produção teórica da psicanálise e também um ato, como sugere Pontalis, para o psicanalista reencontrar seu nome próprio, já que pela transferência, presta-se a receber tantos nomes que não o seu. “Este ato faz parte do labor do psicanalista e o impele reiteradamente a tentar formalizar o real, apreendê-lo com as ferramentas da linguagem” (França Neto, 2018, p. 107).

O estabelecimento do diálogo entre universidade e psicanálise pode ser frutífero se houver respeito mútuo, compartilhamento e uma abertura para não priorizar o puro excesso de cada um ou a ilusão de que podemos eliminá-lo. Trata-se, sobretudo, de manejar o saber da academia e o não saber da psicanálise de uma forma criativa e produtiva.

#### Referências Bibliográficas

1. Anzieu, Didier (2006) *Psicanalisar*. Aparecida/SP: Ideias e Letras.
2. Botella, César e Botella, Sara (2003) A pesquisa em psicanálise. Em Green, André. *Psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
3. França Neto, Oswaldo (2018) A psicanálise e suas incursões universitárias. Em *Psicanálise em perspectiva. Marcas e traços na universidade. Livro I*. Em Barone, L.M.C., Hermann, L., Miranda, M.R. e Paravidini, J.L.L. (orgs.). Uberlândia, MG: EDFU
4. Freud, Sigmund (1923 [1922] Dois verbetes de enciclopédia. Em ESB Vol. XVIII (1920-1922) *Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
5. Widlocker, Daniel (2003) O lugar da pesquisa clínica em psicanálise. Em Green, André. *Psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago Editora.